

**OS CONECTIVOS PRONOME RELATIVO “QUE”, PREPOSIÇÃO
E CONJUNÇÃO EM *O IDIOMA NACIONAL NA ESCOLA
SECUNDÁRIA (1935)*, DE ANTENOR NASCENTES**

Janaina Fernanda de Oliveira Lopes (UFF)
janainal@id.uff.br

RESUMO

Antenor Nascentes (1886-1972), filólogo e professor catedrático do colégio Pedro II, produziu vasta literatura no campo dos estudos linguísticos. A partir de sua experiência na docência, ele sentiu a necessidade de criar um material que auxiliasse o professor no ensino do idioma nacional. A partir deste objetivo, surgiu *O Idioma Nacional na Escola Secundária (1935)*, que versa sobre diversos assuntos, desde como o idioma nacional é apreendido no lar até mesmo como verificar a aprendizagem dos alunos. Nesse trabalho, visamos refletir acerca das seguintes classes de palavras: pronomes relativos *que*, preposição e conjunção, na obra de Nascentes. Para tanto, utilizaremos os procedimentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística.

Palavras-chave:

Conectivos. Antenor Nascentes. Historiografia Linguística.

1. A Historiografia da Linguística

A Historiografia Linguística faz parte das ciências da linguagem. É um campo de pesquisa que ganhou notoriedade na década de 1970 (BATISTA, 2013) e trabalha de forma interdisciplinar. Para tanto, ela faz uso de diferentes áreas do saber, como a Sociologia e a Antropologia. Pi erre Swiggers define a Historiografia Linguística como:

[...] o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares (cujo impacto pode ser “positivo”, i.e. estimulante, ou “negativo”, i.e. inibidores ou desestimulantes), de como o conhecimento linguístico, ou mais genericamente, o *know-how* linguístico foi obtido e implementado. (SWIGGERS, 2010, p. 2)

Deste modo, a Historiografia Linguística estuda o texto em seu contexto. Ela não pode ser confundida com a história da linguística, pois o historiógrafo não busca apenas contar uma história, mais do que isso, ele almeja saber como o conhecimento linguístico foi apreendido, quais as motivações, quais os fatos históricos colaboraram para que determinado pensamento sobre a linguagem permanecesse ou não. É importante frisar que a HL “desconsidera como absolutamente válidas abordagens exclusivamente lineares, construídas em torno da noção de progresso e

acumulação temporal valorativa de saberes [...]” (BATISTA, 2013, p. 26). Portanto, o conhecimento não deve ser visto de forma positivista.

A fim de alcançar esses objetivos, a HL faz uso de princípios, apontados por Konrad Koerner (1996), a saber: contextualização, imanência e adequação teórica.

No princípio da contextualização, Koerner (1996) diz que se deve levar em conta o “clima de opinião” do momento em que o objeto de análise se encontra, ou seja, tudo o que se pensava sobre a linguagem, quais as teorias linguísticas que estavam em voga e de que modo o pensamento linguístico se estabeleceu em relação aos conhecimentos sobre a linguagem da época.

No princípio da imanência, Koerner (1996) salienta que se deve buscar o entendimento do texto dentro de sua própria especificidade. Assim, objetiva-se uma compreensão filológica, para que ocorra a imanência do texto, levando em conta que o historiógrafo não deve fazer a análise pautada no conhecimento linguístico da atualidade. Deste modo, deve-se usar até mesmo a terminologia da época de escritura do texto.

Após o levantamento dos princípios anteriores, parte-se para o princípio de adequação teórica, em que se busca “introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e do quadro conceptual apresentado na obra em questão” (KOERNER, 1996, p. 59). Desta forma, o historiógrafo pode fazer não somente aproximações com o pensamento linguístico que dispomos na atualidade, como também de que modo o saber linguístico do objeto analisado se relaciona com os saberes anteriores a ele.

2. O Idioma Nacional

O idioma Nacional na Escola Secundária (1935) trata-se de uma espécie de manual que reflete, sugestiona e orienta o professor do ensino secundário no ensino da língua nacional. A obra possui caráter pedagógico e o professor Nascentes quase nunca coloca definições a respeito dos conteúdos, talvez, por se tratar de um material voltado aos professores. Ele sempre endossa que o docente faça o aluno “sentir” aquilo que a gramática nomeia.

Esse formato facilitador torna difícil fazer um paralelo dessa obra com as gramáticas que temos na atualidade, pois não encontramos defi-

nições nem temas divididos em seções. Nascentes aponta os conteúdos e as séries em que eles devem ser abordados e, por vezes, muda de um assunto para o outro sem um prévio aviso. Esse fato em nada diminui a importância dessa obra para os estudos linguísticos no âmbito da escola, afinal, a maior preocupação dele é que o aluno possa fazer uso do idioma que fala.

A obra é prefaciada por Lourenço Filho, que traz uma reflexão sobre o desenvolvimento da linguagem. No capítulo dois, Nascentes discorre acerca do idioma no lar, de que forma a criança aprende e reproduz a língua. O pensamento de Nascentes insere-se dentro do comportamento que veiculava no século XIX e XX, de que a língua passa por uma evolução. Nascentes é um filólogo, e como tal busca explicar os fatos linguísticos ancorados na sua experiência de estudos da língua na perspectiva diacrônica, como podemos ver no fragmento a seguir:

Em seu sentido etimológico *hipocorístico* quer dizer afagador e liga-se ao verbo grego *hypocorizo*, falar de modo infantil, divertir uma criança falando-lhe a linguagem, acariciando-a. Para formar hipocorísticos, mutila-se o nome, reduzindo-o às vezes à simples sílaba tônica, redobrando-se as vezes essa sílaba ou acrescentando desinências de diminutivo: *Zé* (José), *Zeze* (José) e *Zezinho* (José). (NASCENTES, 1935, p. 24)

Nascentes faz uso do seu conhecimento histórico da língua para explicar de que modo a criança forma o seu linguajar de forma natural, mostrando que o jeito que se fala hoje é produto de transformações ocorridas ao longo do tempo.

Segundo a periodização proposta por Cavaliere (2001), Nascentes encontra-se no período científico (1881-1941), mais especificamente, na segunda fase do período, denominada “fase legatária”. O período científico é pautado nos princípios de Darwin, sendo este defensor de uma evolução dos seres vivos, de igual modo acontecia nas questões linguísticas. “Surge, enfim, um novo olhar sobre a gramática, em que o objeto, o fato gramatical, deixa de ser contemplado para ser analisado” (CAVALIERE, 2001, p. 11). Este pensamento se evidencia quando Nascentes, no capítulo primeiro, discorre acerca do “dialeto brasileiro” (NASCENTES, 1935, p. 13). Neste pequeno capítulo, ele defende a diferença do português falado no Brasil e o falado em Portugal. Para tanto, ele retoma Said Ali, dizendo: “As línguas alteram-se com a mudança de meio; e o nosso modo de falar diverge e há de divergir em muitos pontos, da linguagem lusitana” (NASCENTES, 1935, p. 16 *apud* ALI, s/a, p. 81). No capítulo seguinte, Nascentes, através das palavras de Castro Lopes, de-

monstra as mudanças fisiológicas que as crianças passam para poder pronunciar, por exemplo, o monossílabo “mãe” (NASCENTES, 1935, p. 20 *apud* ALVES, s/n, p. 332).

3. Os conectivos

Nascentes faz menção dos conectivos no capítulo X, intitulado “Análises”. Ao discorrer sobre a análise sintática e a lógica, usando autores para corroborar a ideia de que ambas devem ser estudadas juntas, ele menciona que “não se pode saber se um *que* é um conectivo que inicie uma proposição integrante ou se é o sujeito de uma subordinada adjetiva sem fazer ao mesmo tempo a análise gramatical” (NASCENTES, 1935, p. 113). Apesar de Nascentes não trazer a definição sobre o *que* é o conectivo, podemos perceber, através da citação acima, que, para ele, conectivo é o termo capaz de ligar uma oração à outra.

3.1. Pronome relativo “*que*”

Ao tratar sobre o pronome relativo “*que*”, Nascentes traz a mesma noção que temos hoje. Bechara, em sua obra *Moderna Gramática Portuguesa*, pontua que os pronomes relativos “são os *que* normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente” (BECHARA, 2009, p. 171), do mesmo modo já apontava Nascentes.

Nos relativos ensinar a conhecer o antecedente. Habitualmente, quando se pergunta a uma criança a categoria de um *que*, ela responde que é um pronome relativo, pois sabe que o *que* desempenha em geral esta função. Em seguida, interrogando-se porque é *que* é pronome relativo, ou ela se cala ou responde que é porque pode ser substituído por *o qual, a qual, os quais, as quais* (os quatro ao mesmo tempo). Isto claramente indica que tal criança não foi acostumada a raciocinar para descobrir o antecedente do *que*. (NASCENTES, 1935, p. 33-4)

Nascentes parte do princípio de que o aluno deve, primeiramente, conhecer a função do pronome. Se o aprendiz entende o *que* como antecedente, ele não confundirá com um adjunto adnominal. Temos também um exemplo de que o aluno é orientado a substituir um pronome relativo por outros. No entanto, essa ação não permite a compreensão da função do pronome. Assim, percebemos que a forma com que Nascentes orienta o professor quanto ao ensinamento deste conectivo preza para o entendimento e não a sua classificação.

Em toda a obra o autor chama a atenção para o fato de que se deve evitar decorar, pois, a partir do momento em que há o entendimento do funcionamento da classe de palavras na análise sintática, o seu uso torna-se eficaz. É importante frisar que Nascentes (1935, p. 35) sempre orienta que o professor faça o aluno “sentir” a função sintática de cada classe. Diz ele: “É preciso educar o aluno a sentir tudo isto, a aprender sem decorar paradigmas” (NASCENTES, 1935, p. 34).

3.2. A preposição

A respeito das preposições, Nascentes inicia dizendo que elas fazem parte do grupo das palavras invariáveis (NASCENTES, 1935, p. 35). E, contrariando o que prega em quase toda a sua obra, ele diz que “há vantagem em mandar decorar a pequena lista das preposições simples; deste modo, esta categoria fica a coberto de vacilações” (NASCENTES, 1935, p. 35). Outra orientação do autor é que se mostre ao aluno que as preposições podem estar contraídas com artigos e outras preposições. Desta forma, seria mais fácil ensinar ao aluno como se formam a crase e as locuções prepositivas (NASCENTES, 1935, p. 35-6). Mais uma vez, Nascentes salienta que é preciso fazer com que o aluno entenda a função da preposição, para que ele não confunda uma locução prepositiva com um advérbio.

Quando se pergunta o que é *depois de*, é comum ouvir como resposta que é um advérbio; confunde-se com o simples *depois*. Insiste-se no *depois de e*, não podendo mais dizer que é advérbio, o aluno prefere calar-se. Os mais inteligentes e preparados é que percebem a locução. (NASCENTES, 1932, p. 36)

A confusão que o aluno apresenta dá-se pelo fato de o discente ser orientado a decorar listas de palavras sem que ele saiba exatamente que elas mudam sua função sintática nas proposições, por isso a necessidade de se fazer análise sintática juntamente com a lógica. Podemos entender “lógica” como semântica.

Se o aprendiz conseguir perceber que o termo “depois” perdeu a sua função de advérbio e está conectado à preposição “de”, funcionando como uma ligação, ele poderá ver que se trata de uma locução prepositiva.

Nascentes ainda salienta, quando trata da conjunção, tema do tópico seguinte, que ao se comparar a conjunção com a preposição, a conjunção possui valor relacional. Vemos, assim, que a preposição está li-

gando termos, mas que essa conexão pode se dá com menor valor semântico do que a conjunção. Talvez por isso, Nascentes veja proveito em se decorar as listas de preposições.

3.3. A conjunção

Antenor Nascentes (1935, p. 36) pontua que a conjunção possui “caráter de palavra relacional, comparado com o da preposição”, indicando, deste modo, que a conjunção coloca uma proposição em contato com a outra. Mais adiante ele frisa, novamente, que não se deve exigir do aluno que ele decore as listas de conjunções, mas que o professor indique as categorias delas (p. 36). O autor diz ainda que se deve fazer o aluno “sentir a força da conjunção e assim determinar-lhe a classe” (p. 36). Com isso, Nascentes busca que o aprendiz faça uso da lógica no estudo da sintaxe. Não basta apenas decorar, é preciso que o aluno perceba a relação que há entre uma sentença e outra, para que possa determinar que tipo de relação há entre elas. Ele exemplifica da seguinte maneira:

Ex.: *Não fui lá porque choveu.* Mostra-se que *porque choveu* indica a razão, o motivo, a causa pela qual eu não fui lá; por conseguinte, deve ser uma conjunção causal. (NASCENTES, 1935, p. 36)

Nascentes aponta, assim, que a conjunção é um termo que conecta um período a outro, e essa relação pode ter diversas finalidades. A conjunção, portanto, serve para relacionar sentenças completando o sentido uma da outra.

O autor indica que o ensino do período composto deve ser dado a partir da segunda série, usando apenas “proposições coordenadas” (NASCENTES, 1935, p. 114), só depois disso poderá ser feita a “decomposição de um período composto por subordinação” (p. 114). A fim de facilitar o ensino, ele sugere que o professor proceda da seguinte maneira:

Um processo muito pratico consiste em assinalar os conectivos, relacioná-los com os respectivos verbos, abrir parênteses antes dos conectivos e fechar quando o sentido ficar perfeito; a proposição principal, exterior aos parênteses, ressaltará naturalmente. (NASCENTES, 1935, p. 114)

Neste trecho, Nascentes não faz um quadro do que seriam os conectivos, apenas diz como demarcar a oração principal e a subordinada.

Com o intuito de facilitar a aprendizagem, o autor apresenta um esquema que enquadra as proposições em cinco ocorrências:

- 1.^a – inexistência de conectivos (estaremos diante de principal ou de coordenada assindética);
- 2.^a – existência de conjunção coordenativa (coordenada sindética);
- 3.^a – existência de conjunção subordinada integrante (subordinada integrante);
- 4.^a – existência de conjunção subordinada não integrante (subordinada circunstancial);
- 5.^a – existência de pronome relativo (subordinada incidente). (NASCENTES, 1935, p. 115)

O esquema apresentado por Nascentes não deixa claro quais as conjunções pertencem ao grupo das coordenadas e quais pertencem ao das subordinadas. Talvez isso ocorra pelo fato de que Nascentes defende em toda a obra o uso da lógica para o estudo da sintaxe, assim, se o aluno entender a relação entre as proposições poderá ver se a relação entre as proposições são de coordenação ou subordinação. É, ainda, importante frisar que Nascentes dirige *O Idioma Nacional na Escola Secundária* aos professores, deste modo, ele não se preocupa se o leitor sabe ou não quais são os conectivos pertencentes às relações que as orações apresentam.

Outra orientação que Nascentes dá, a fim de simplificar o entendimento do conteúdo por parte dos alunos, é que se evite dizer, nos períodos compostos, “coordenada sindética adversativa” (NASCENTES, 1935, p. 116). Ele instrui a se dizer apenas “coordenada adversativa” (p. 116), cujo objetivo é a aprendizagem lógica.

Podemos, a partir do exposto anteriormente, montar o seguinte quadro:

Conjunções	Coordenadas	sindética assindética
	Subordinadas	integrante circunstancial incidente

Quadro 1. Ocorrência de conjunção nas orações

Nascentes fala acerca das conjunções novamente somente no capítulo XI, nomeado “Meios de aferir a capacidade”. Esta parte da gra-

mática é incumbida de trazer sugestões de exercícios para cada segmento do ensino secundário. Para o terceiro ano, Nascentes orienta que o professor peça aos alunos que formem um período com as conjunções “porém” e “pois” causal e conclusivo (NASCENTES, 1935, p. 130).

4. Considerações finais

O Idioma Nacional na Escola Secundária atende à necessidade de vários professores que não dispunham de um material que os auxiliasse na prática docente. Pelo fato de o manual ser dirigido aos professores, o autor, Antenor Nascentes, não se preocupa em trazer definições acerca das classes de palavras aqui abordadas – pronome relativo *que*, preposição e conjunção.

Os conectivos aqui mencionados recebem a mesma orientação, serem trabalhados de forma conjunta com a lógica, termo que, na atualidade, podemos dizer que se trata da semântica. Outro encaminhamento que Nascentes preconiza é que o professor não conduza os seus alunos a decorar.

No que concerne ao termo “conectivo”, Nascentes trata tanto o pronome relativo *que*, a preposição quanto a conjunção como termos que conectam, que relacionam proposições. A única observação que ele faz é a respeito da preposição, *que*, em comparação com a conjunção, ela possui valor relacional. Por fim, a mesma noção de conectivo e as funções sintáticas das classes de palavras aqui mencionadas, trazidas por Nascentes, são as mesmas atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

BATISTA, R. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. ampl., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAVALIERE, R. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. In: *Alfa*. p. 49-69, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4185/3783>. Acesso em: 02 de fev. 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

KOERNER, K. Questões que persistem na Historiografia Linguística. In: *Quatro Décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados*. Trad. Cristina Altman, Rolf Kemmler *et al.* Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro. 2014.

NASCENTES, A. *O Idioma Nacional na Escola Secundária*. Editora Proprietária Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1935.